

**Referência compartilhada na educação infantil: o desassossego de professores e auxiliares**

*Shared reference in early childhood education: the unrest of teachers and assistants*

Alessandra Londero Almeida  
Maiane Liana Hatschbach Ourique  
Tamara Insauriaga Bueno  
**Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)**  
Pelotas/RS-Brasil

**Resumo**

A pesquisa busca identificar concepções e estratégias de professores e auxiliares da Educação Infantil relacionadas ao trabalho coletivo e à vivência da figura de referência com as crianças. Examinam-se os indícios de (des)assossegos causados pela (co)responsabilidade do cuidado e educação na Educação Infantil. Por meio de um estudo qualitativo e exploratório com dez profissionais, a pesquisa aborda a problemática das origens do (des)assossego na partilha de (co)responsabilidades no cotidiano da primeira infância. Conclui que, ao fortalecer o grupo, favorecendo a formação integral das crianças e o bem-estar de todos, é possível reinterpretar convívios e realizar a partilha de experiências como adulto referência para as crianças.

**Palavras-chave:** Referência compartilhada; Professores; Auxiliares.

**Abstract**

The research aims to identify the conceptions and strategies of teachers and assistants in Early Childhood Education related to collective work and the experience of being a reference figure for children. It examines the signs of (dis)comfort caused by the (co)responsibility of care and education in Early Childhood Education. Through a qualitative and exploratory study involving ten professionals, the research addresses the issue of the origins of (dis)comfort in the sharing of (co)responsibilities in the daily life of early childhood. It concludes that by strengthening the group, promoting the comprehensive development of children, and ensuring the well-being of all, it is possible to reinterpret interactions and share experiences as a reference adult for the children.

**Keywords:** Shared reference; Teachers; Assistants.

## **1. Introdução**

O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior [...]  
João Guimarães Rosa, 2001

Guimarães Rosa (2001) fomenta nosso imaginário ao poetizar sobre os percursos que se afinam ou desafinam em nossa constituição humana. Paul Ricoeur (2007) utiliza o termo “inacabamento”, para referir-se às nossas memórias e esquecimentos quando escrevemos sobre a vida. Tais movimentos, referidos pelos autores, fazem parte de nossa formação e foram encorajados, possivelmente, nas relações que tecemos uns com os outros. Nossa pesquisa destaca a instituição de Educação Infantil como o primeiro espaço de contato com um processo educativo intencional e estruturado, marcando assim, a primeira e significativa interação social que as crianças experienciam fora do ambiente familiar. Esta busca pela relação com o outro, para além de necessidade e direito das famílias, remete ao inacabamento da nossa constituição, visto que nascemos humanos e, ao mesmo tempo, nos humanizamos pelo convívio e partilha com outros indivíduos. Podemos então dizer que esse processo constitutivo ocorre, significativamente, em ambientes institucionalizados, em movimentos de acolhimento, cuidado, partilha de afetos e aprendizados entre crianças e professores. Estas relações, mesmo caindo na vala comum do esquecimento e sem muitas oportunidades para ressignificá-las nos espaços-tempos da formação docente, geram imagens - de escola, de docente e de criança - potencializadoras de nossa disposição para com as novas gerações hoje. Assim, traçamos como objetivo desta pesquisa identificar concepções e estratégias de professores e auxiliares da Educação Infantil sobre o trabalho coletivo e a vivência da figura de referência com as crianças, notando os indícios de (des)assossegos causados pela (co)responsabilidade do cuidado e educação na Educação Infantil.

Com o ingresso das crianças nas instituições de Educação Infantil, as relações de vínculo das crianças são ampliadas. Além dos familiares, as crianças se encontram com seus pares e com outros adultos, responsáveis por acolherem e constituírem vínculos seguros com elas. Professores e auxiliares, portanto, compartilham a figura de referência das crianças nos ambientes educativos. Ambos os profissionais compõem o quadro de funcionários que atuam

nos espaços típicos das instituições de Educação Infantil - salas de referência, refeitórios, salas multimídia, ateliês, jardins e praças externas.

A delicada teia que envolve o convívio, a negociação e a socialização de percepções e conhecimentos com as crianças está diretamente relacionada ao trabalho compartilhado entre os dois cargos mencionados: professores e auxiliares de Educação Infantil. Tal partilha decorre do fortalecimento da ideia de educação integral da criança e da compreensão de que cuidar e educar são processos em profunda interação, mas que foram seccionados e mitificados por tendências higienistas, tecnicistas e cientificistas que, por séculos, colonizaram a educação das crianças. Neste cenário de realinhamento em direção às necessidades das crianças, exercitar a (co)responsabilidade dos diferentes profissionais presentes nas instituições gera um estado que definimos como o (des)assossego sobre quem compõe a figura de referência da criança e até que ponto vai a função de cada adulto. Dito de outro modo, professores e auxiliares estão inseridos nos mesmos contextos educativos, possuem funções distintas na origem, mas que no cotidiano acabam se interligando pelas demandas e relações estabelecidas dentro da sala de referência, ao partilharem a convivência com as crianças, um trabalho de caráter pedagógico em sua imanência. Tanto professores quanto auxiliares amparam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, dessa forma, as diferentes atribuições que os dois cargos apontam no momento do ingresso na instituição são impelidas a se desfazerem diante da humanidade do encontro com as crianças. Embora reconhecidos os percursos de cada profissional dentro das instituições, suas rotinas e responsabilidades convergem para a opacidade no momento da identificação como figura de referência para as crianças. Muito embora tenham funções distintas no ambiente educativo, ambas evocam uma relação de interdependência e colaboração entre adultos e crianças. O conceito de (des)assossego perpassa pelo reflexo da necessidade de redefinir e realinhar as funções e dinâmicas de trabalho em relação ao cuidado e a educação das crianças. Esse movimento reflexivo indicia os incômodos e a necessidade de superar concepções limitadoras e identidades fragmentadas que, por vezes, geram funções e rotinas hierarquizadas e rígidas.

Sabemos de uma gama de pesquisas que discorrem sobre as nuances do trabalho compartilhado entre professores nas salas de referência, assim como tem-se atentado para o trabalho compartilhado com as crianças. De modo distinto, buscamos em nossa pesquisa debater sobre a relação possível entre dois profissionais diversos em sua identidade e

### *Referência compartilhada na educação infantil: o desassossego de professores e auxiliares*

atuantes na Educação Infantil: professores e auxiliares. Dois profissionais que atuam com as infâncias e ocupam o mesmo espaço-referência. Ou seja, a ideia de partilha do cuidado e da educação nas instituições de Educação Infantil consiste na presença e (co)responsabilidade de mais de um educador por agrupamento de crianças. É o que chamamos em nossa pesquisa por referência compartilhada, uma vez que, na relação cotidiana com as crianças, a referência para o suporte, sustentação das interações e ações de cuidado dependem muito mais de laços de confiança, empatia e afetos constituídos entre criança e adulto do que propriamente da função que os adultos ocupam. Os dois cargos possuem condições de trabalho, remunerações e formações diferenciadas. Para professores, a formação exigida para ingresso no cargo é a licenciatura em Pedagogia e sua remuneração é orientada pela lei de piso salarial da categoria. Já para auxiliares, a formação exigida consiste no Ensino Médio completo e a remuneração varia entre municípios (de acordo com a legislação municipal e os respectivos editais de seleção, conseqüentemente, suas remunerações são singulares). Este profissional ingressa na equipe de trabalho, com um rol de funções com acento nos cuidados com a higiene das crianças e no auxílio às propostas elaboradas pelos professores.

A partir das reflexões expostas, traçamos como problemática de pesquisa: Quais as origens do (des)assossego da partilha de (co)responsabilidades de cuidado e educação das crianças no cotidiano da Educação Infantil? Nossa hipótese repousa no entendimento de que embora esta organização (professores e auxiliares) seja frequente nas instituições, a percepção sobre as exigências que estas relações produzem na docência aparece ainda difusa e permeada por disputas de poder sobre o planejamento, sobre as crianças e sobre a gestão dos tempos e espaços da relação adulto-criança. Almejamos perceber o entendimento das nuances dessa relação de trabalho através das vozes dos profissionais envolvidos nesse processo. Assim, propomos uma investigação de caráter qualitativa e exploratória, abrangendo questões sobre a formação profissional, sobre imagens de auxiliar e professor de Educação Infantil, sobre o desenvolvimento do trabalho dos dois profissionais no dia a dia institucional e possíveis interferências/implicações no cuidado e formação das crianças.

Para a obtenção dos dados, lançamos mão de um questionário, aplicado a 5 professores e 5 profissionais atuantes como auxiliares na Educação Infantil de um município do sul do Brasil<sup>1</sup>. Tal instrumento de pesquisa é definido segundo Gil (2011, p. 128) como a “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões,

crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Considerando também a perspectiva dos estudos de Duarte (2002), os critérios definidos para seleção dos sujeitos que integraram a pesquisa, bem como o lócus da mesma, seguiram um sistema de rede, no qual as pessoas convidadas a participar do estudo tinham interesse no assunto, disponibilidade e conhecimento dos procedimentos éticos envolvidos (anonimato, possíveis riscos, ganhos, etc...). A pesquisa compôs uma amostra de profissionais concursados e atuantes na rede pública de educação dos bairros mais populosos de uma cidade do Rio Grande do Sul. Nossa escolha pelo campo da Educação Infantil justifica-se pela aproximação acadêmica e profissional com os estudos da infância. De tal modo, o caminho de correlação entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa é também um constante afinar e desafinar, como lembra Guimarães Rosa (2001), especialmente de nossos pressupostos e interesses tecidos na docência. Assegurando-nos desse entendimento, torna-se possível a reflexão de que aquilo que nos conduz é interligado ao campo sensível das narrativas expressadas pelos nossos participantes. Dito de outra forma, ao nos colocarmos diante dessa escrita, somos interpeladas pelas nossas vivências com a formação docente.

Nas próximas linhas, refletimos sobre a historicidade da Educação Infantil e o entrelugar do cuidado e educação, conseqüentemente, sobre o cenário profissional demandado nesta etapa escolar. Discorreremos sobre a busca por um sentido de referência compartilhada na Educação Infantil, embasadas pela pesquisa realizada e pelos aportes teóricos que nos sustentaram até o momento. Ao final, apresentamos as análises compreensivas emergidas das manifestações dos professores e auxiliares participantes da pesquisa.

## **2. O percurso da historicidade da Educação Infantil: o entrelugar cuidado-educação**

Entendido e realizado, muitas vezes, em um caráter assistencialista, o atendimento infantil foi ampliado de forma significativa durante a década de 1980, resultando na conquista do direito das crianças de até seis anos ao atendimento em creches e pré-escolas através da Constituição Federal de 1988<sup>ii</sup>. Caracterizada como a primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil já recebeu diferentes denominações ao longo de sua história: Jardim de infância, Maternal, Creche ou Pré-escola. Essas mudanças são parte de um contexto social que apresenta historicamente dois eixos principais: a incorporação da mulher no mundo do trabalho e a conseqüente necessidade de delegar o cuidado das crianças. A historicidade da profissão docente nos mostra que existe uma dupla imagem do adulto que trabalha nas

### *Referência compartilhada na educação infantil: o desassossego de professores e auxiliares*

escolas de Educação Infantil, a primeira do “adulto maternal”, que apenas irá cuidar da criança e de quem não é necessário exigir formação específica. A segunda imagem é a do “adulto ensinante”, que possui uma formação especializada e focada na oferta de conhecimentos que a criança precisa para a vida escolar. Essas imagens remetem ao surgimento da profissão docente. Historicamente, os professores iniciavam suas funções em instituições religiosas, em um cenário ocupado exclusivamente por figuras masculinas. Somente com o advento da urbanização e industrialização ocorre o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. A docência perde, então, sua representação exclusivamente masculina na medida em que as indústrias atraem os trabalhadores em busca de remunerações mais altas e prestígio social mais elevado. Este movimento acentua a inserção das mulheres na profissão docente, sem as mesmas pretensões de remuneração ou de reconhecimento profissional que os homens, visto que, na configuração familiar e social da época, cabia à figura masculina a responsabilidade pela manutenção e sustento da família e prestígio profissional.

A história da Educação Infantil encontra-se nesse caminho, produzida num cenário de creche como uma instituição assistencial com objetivo de atender as crianças pobres cujas mães precisavam trabalhar. Os professores deste segmento apresentam-se na profissão num contexto exclusivo de cuidado, cujos requisitos para exercer o cargo eram: ser mulher e gostar de crianças. Os saberes advinham exclusivamente do âmbito doméstico. No Brasil, foi durante a década de 1980, que o cenário da Educação Infantil se ampliou de forma significativa através da Constituição Federal de 1988. O documento afirma as necessidades de cuidado e educação, com a finalidade de estarem integrados no desenvolvimento das crianças pequenas, sendo estabelecidas como funções indissociáveis neste atendimento.

O alinhamento e percepção entre a historicidade da Educação Infantil e o entendimento da criança como sujeito social de direitos é o entrelace que, por vezes, desassossega as relações de trabalho partilhadas por dois cargos profissionais nos espaços educativos. Ainda é perceptível uma relação de não entendimento da criança como um sujeito capaz, constituído de potencialidades e capacidades que estão em processo de desenvolvimento. Oliveira-Formosinho (2016, p. 114) refere-se a um processo revolucionário que se estende à identidade dos educadores: “o direito das crianças à aprendizagem, visto como uma experiência vivida, cultural e democrática, desafia os educadores a serem pensadores profundos a respeito das identidades das crianças, bem como a respeito das suas

próprias identidades e papéis”. Respeitar e assegurar que esse entendimento seja elucidado compõe uma educação de qualidade, que perpassa a construção do perfil de profissional atuante da Educação Infantil. Como ressalta Azevedo (1999, p. 39), tal entendimento:

[...] cumpre, portanto, pensar uma educação para a criança pequena que considere sua condição de sujeito histórico e cultural, que respeite sua existência enquanto tal, que valorize suas experiências, que contribua com o seu desenvolvimento e que amplie os conhecimentos do mundo em que vive.

Os estudos de Day (2004) ampliam a reflexão apontada ao englobar as condições de trabalho e abarcar também aquilo que move os educadores envolvidos no processo educacional, considerando o que os leva a serem profissionais comprometidos, ou não, no desempenho de suas funções, em nosso cenário de pesquisa, especialmente com as crianças. Em certa medida, o autor aponta caminhos que nos inspiram a considerar que as relações podem ser enfraquecidas dentro do cenário da Educação Infantil pela hierarquização dos cargos e por uma indefinição das identidades profissionais, o que os leva ao esquecimento dos motivos que os moveram a escolher a Educação Infantil como campo de trabalho.

Atualmente, em diferentes estudos sobre a formação de professores de Educação Infantil é evidenciada a emergente necessidade de se formar um profissional com conhecimentos voltados para o atendimento de bebês e crianças pequenas, considerando sua responsabilidade no manejo de ações de cuidado e educação da criança em articulação com as famílias. Trabalhar com a educação da infância é uma especificidade que não deve estar ausente dos estudos e discussões da formação. Diante de cenários até então indefinidos em relação aos diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo das crianças, torna-se necessária uma abordagem reflexiva sobre novas perspectivas para uma referência de partilha e que reconheça, portanto, a instituição de Educação Infantil como um espaço de educação coletiva, composto por pessoas dispostas a trabalharem em um ambiente cuja imprevisibilidade exige não só desenvolvimento pessoal e profissional ativo, como também abertura para um constante manejo das relações. Contudo, a tipificação dos sujeitos que trabalham formalmente com as crianças pequenas acaba formando estereótipos, modelos, imagens, personificações da profissão que, paralelamente, perpetuam práticas distorcidas e (auto)destrutivas da identidade profissional. A (auto)destruição dessa identidade corrobora para uma frágil compreensão do impacto e importância do papel do profissional na instituição e na relação pedagógica, dando margem para uma identidade suplantada pela dúvida e pela

insegurança, uma identidade que beira a ausência. Essa ausência pode ser percebida em alguns discursos recorrentes dentro das instituições, exemplificamos com uma das atitudes mais comuns, a negação por parte dos professores aos momentos de trocas de fraldas, com a justificativa de que não se formaram para serem “babás” ou então, porque tal tarefa deveria competir exclusivamente ao auxiliar de Educação Infantil. Esta posição expressa um entendimento equivocado e divergente das bases curriculares e da formação específica na área da Educação Infantil, nas quais o cuidado exige uma relação de interdependência com o educar. Virando o foco para os profissionais auxiliares, é notável a incompreensão de que os cuidados de higiene e alimentação se relacionam a aprendizados importantes dos bebês e crianças pequenas. Percebemos que ainda existe uma lacuna de legislações educacionais e produções teóricas sobre a figura de auxiliar de Educação Infantil. Fato que colabora com as divergências no exercício da partilha de referência com/para as crianças.

### **3. Os cenários que compõem a partilha de referência na Educação Infantil**

A relação adulto/criança indicada nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (Brasil, Volume 1, 2006) é na proporção: 01 professor para 6 a 8 bebês de zero a dois anos; 01 professor para cada 15 crianças de três anos; 01 professor para cada 20 crianças de quatro a seis anos. As escolas de Educação Infantil são predominantemente compostas por cinco turmas: Berçário, atendendo às crianças de zero a dois anos; Maternal 1, com crianças de dois a três anos; Maternal 2, com crianças de três a quatro anos; Pré 1, com crianças de quatro a cinco anos e Pré 2, com crianças de cinco a seis anos. O número de auxiliares por turma varia de acordo com a faixa etária atendida. A composição das turmas com 20 crianças matriculadas é configurada por: Berçário, 02 professores e 03 auxiliares; Maternal 1, 01 professor e 03 auxiliares; Maternal 2, 02 professores e 01 auxiliar; Pré 1, 01 professor e 01 auxiliar; Pré 2, 01 professor e 01 auxiliar. Em turmas onde existem crianças com laudos médicos é garantido a presença de mais um auxiliar. Em nossa pesquisa, nos apropriamos dos dados sobre as instituições que atendem as crianças entre zero e cinco anos e 11 meses de idade de uma cidade na região Sul do Rio Grande do Sul (de igual modo, tal organização apresenta-se de forma semelhante nas demais cidades da região).

O quadro do município pesquisado possui 29 instituições públicas de Educação Infantil, até o momento da realização da pesquisa atende cerca de quatro mil crianças. As distinções acerca da formação exigida nos cargos revelam que, para professores a escolaridade deverá ser: Ensino superior completo, Licenciatura em Pedagogia. E, para o cargo de auxiliar é

necessário o Ensino Médio completo. Esboçamos no quadro a seguir, possíveis análises em relação às atribuições dos cargos referidos em nossa pesquisa, conforme a Lei Municipal, de 20 de junho de 2018 do município pesquisado.

**Tabela 1.** Atribuições dos cargos de professor e auxiliar

<b>Atribuições</b>	
<b>Professor de Educação Infantil</b>	<b>Auxiliar de Educação Infantil</b>
<p>Educar e cuidar de forma indissociável da criança na faixa etária de zero a seis anos;</p> <p>Planejar atividades pedagógicas levando em consideração os gostos e preferências da criança, considerando sempre a bagagem de experiências que a criança traz consigo;</p> <p>Planejar e desenvolver atividades que atendam às necessidades, os interesses e as potencialidades de cada criança;</p> <p>Oferecer condições para que a criança seja o sujeito de sua própria evolução;</p> <p>Conduzir atividades pedagógicas que levem a criança a agir, falar, criar e experimentar em consonância com suas necessidades, potencialidades e interesses;</p> <p>Valorizar as “produções” da criança, mesmo que pouco convencionais, promovendo sua autonomia, autoestima e buscando o desenvolvimento pleno;</p> <p>Participar da elaboração da proposta político-pedagógica da escola e do plano global;</p> <p>Planejar, junto com a equipe da escola e os pais, as atividades a serem desenvolvidas;</p> <p>Buscar atualização permanente para compreender e bem orientar crianças de zero a seis anos, com vistas a adquirir maiores conhecimentos sobre os direitos das crianças;</p> <p>Participar de reuniões com a comunidade escolar, equipe escolar e equipe multidisciplinar da Secretaria Municipal da Educação;</p> <p>Manter a higiene e organização do espaço educativo;</p> <p>Manter contatos frequentes com a família para que ela saiba exatamente o nível de desenvolvimento de sua criança;</p> <p>Registrar diariamente a frequência e o desenvolvimento das crianças;</p> <p>Colocar à disposição para quaisquer tarefas que contribuam para a boa administração da escola e para um melhor fazer pedagógico;</p> <p>Tratar de forma ética e humana às crianças, independente de sexo, raça ou religião;</p> <p>Zelar pela saúde, higiene e bem-estar da criança sob seus cuidados, bem como pelas demais crianças da escola;</p>	<p>Cuidar da higiene, saúde e alimentação da criança, sob orientação do professor da Educação Infantil, assessorando-o em todas as tarefas que envolvam os cuidados da criança, a fim de proporcionar ambiente saudável e bem-estar ao desenvolvimento pleno da criança de zero a seis anos;</p> <p>Cuidar e orientar as crianças de zero a seis anos, visando desenvolver hábitos e atitudes, em consonância com a orientação do professor;</p> <p>Cuidar da higiene de cada criança;</p> <p>Auxiliar no desenvolvimento das atividades pedagógicas;</p> <p>Proporcionar o bem-estar físico da criança;</p> <p>Participar da elaboração da proposta político-pedagógica e do plano global da escola;</p> <p>Participar das reuniões;</p> <p>Colocar-se à disposição para quaisquer tarefas que contribuam para a boa administração e para um melhor fazer pedagógico;</p> <p>Tratar de forma ética e humana a todas as crianças, independente de sexo, raça ou religião;</p> <p>Encaminhar a criança para os cuidados médicos, sempre que necessário;</p> <p>Ministrar a alimentação e, se necessário a medicação indicada pelo profissional da saúde, zelando pela saúde e desenvolvimento saudável da criança;</p> <p>Zelar pelo bem-estar da criança durante as brincadeiras e demais atividades a elas propostas;</p> <p>Auxiliar na preparação das camas, disposição de berços e colchonetes;</p> <p>Auxiliar no treinamento dos esfínteres.</p>

## Referência compartilhada na educação infantil: o desassossego de professores e auxiliares

Organizar o ambiente escolar de forma a facilitar o desenvolvimento das atividades na plenitude de suas potencialidades.	
--	--

Fonte: elaborado pelas autoras, 2019.

É possível perceber que ambas atribuições zelam pelo bem-estar das crianças, possuem em comum o colocar-se à disposição para quaisquer tarefas que contribuam para a boa administração, de modo a realizar o melhor fazer pedagógico, mas sem especificar quais tarefas serão essas. Ao propor que ambos os profissionais participem da elaboração da proposta político-pedagógica e do plano global da escola, evidenciamos que há um avanço diante da ideia da indissociabilidade entre educar e cuidar no processo educativo. Porém, percebemos que aos professores ainda cabem os verbos como: organizar, planejar, manter, buscar, registrar e educar. Já os auxiliares reforçam a separação entre o cuidar e educar, com verbos como: auxiliar, ministrar, encaminhar e cuidar. Não há indícios de propostas que visem uma formação continuada para que melhor se qualifiquem ao desempenharem suas funções dentro de uma perspectiva de referência compartilhada. Torna-se emergente pensarmos sobre aspectos que não apenas envolvem a organização das crianças nas instituições de Educação Infantil, mas que potencializam os espaços coletivos como formadores e pedagógicos. Arroyo (2019, p. 294) ressalta este processo formador como característica que “redefine não apenas normas, critérios de enturmação etc., mas que redefine formas de pensar e de agir, redefine concepções, significados e culturas escolares, sociais e docentes. Redefine o que nos é mais caro, novas formas de trabalho”. É importante destacar que a (co)responsabilidade da educação é permeada por múltiplos aspectos que não somente aqueles da habilitação ao cargo, envolve também movimentos formativos, organizacionais e de reconhecimento das competências estabelecidas no cotidiano do trabalho com bebês e crianças pequenas. Essa partilha abrange cuidado, confiança, atenção, cooperação, disposição para aprender e aproximar horizontes reflexivos dos educadores envolvidos no trabalho. Esses aspectos tornam-se ainda mais necessários no contexto em que nos encontramos, de retorno às atividades presenciais após dois anos de atividades remotas<sup>iii</sup>.

Os estudos de Arroyo (2019) discorrem sobre a relevância e necessidade de pesquisar sobre o convívio entre diferentes pares de idades e de gêneros entre crianças/alunos para a socialização e para o desenvolvimento de aprendizagens. Inspiradas pelos escritos do autor, refletimos sobre qual, no campo da Educação Infantil, a importância pedagógica que temos

dado ao convívio entre os adultos e sobre quais são os ruídos e opacidades das relações estabelecidas entre os pares (figuras de referências) das crianças nos espaços educativos e que, por vezes, não são mencionados no campo de formação.

#### **4. A busca pelo significado do desassossego das semelhanças e diferenças entre professores e auxiliares de Educação Infantil**

Tendo em nosso horizonte a busca pela compreensão sobre as possíveis origens dos desassossegos da partilha da figura de referência para as crianças entre professores e auxiliares, discutimos a seguir as concepções desses sujeitos acerca da docência compartilhada e suas expectativas na produção da relação pedagógica com as crianças. Utilizamos o questionário como instrumento para coleta dos dados, distribuído a dez profissionais atuantes nas instituições de Educação Infantil da rede pública. Consideramos uma amostragem inicial e exploratória nos campos de estudos sobre formação docente, visto que, conforme apontamos em nossa introdução, ainda são recentes os debates sobre a temática. O questionário foi distribuído de forma impressa e entregue pessoalmente aos sujeitos participantes, permitindo que escrevessem suas respostas. Estabelecemos um prazo de uma semana para a devolução dos mesmos. Elaboramos cuidadosamente a estrutura do nosso instrumento de pesquisa, visando garantir que os participantes pudessem compreendê-lo de forma clara e acessível. Desse modo, o organizamos com uma seção para os dados de formação inicial, juntamente com perguntas abertas que abordaram temas relacionados aos objetivos da pesquisa, como: entendimento sobre o que é ser professor e auxiliar de Educação Infantil, como se desenvolve o trabalho desses dois profissionais no dia a dia dos espaços educativos, se os mesmos consideravam que o trabalho é realizado de forma coletiva/compartilhada, solicitando que deem exemplos e como esse trabalho interfere no cuidado e educação, assim como na formação das crianças pequenas. De modo a garantir a preservação da identidade dos sujeitos pesquisados e assegurar uma maior disponibilidade nas respostas, a pesquisa não solicitou dados pessoais como: nome, idade e gênero. Os participantes são identificados, na pesquisa, por códigos compostos por uma letra e um número. Assim sendo, traremos P1 e A1 (P para professores e A para auxiliares, seguido de numeral que identifica, em cada categoria, as respostas de cada sujeito).

Adotamos uma abordagem hermenêutica reconstrutiva a fim de clarificar as compreensões das manifestações expostas pelos sujeitos pesquisados. Desse modo, inicialmente nos aproximamos do cenário em que professores e auxiliares se inserem com

### *Referência compartilhada na educação infantil: o desassossego de professores e auxiliares*

objetivo de contextualizar e identificar qual era a formação de cada entrevistado, de modo a conhecermos em qual contexto se baseavam suas trajetórias profissionais. Identificamos cinco profissionais com formação em Pedagogia, os outros cinco dividem-se em dois com Ensino Médio completo, um com formação em Teatro, um com formação em Nutrição e um com Magistério.

Após, solicitamos que os profissionais respondessem com suas palavras qual era o entendimento sobre professor e auxiliar de Educação Infantil, percebemos que ambos responderam de acordo com sua formação e prática docente, presumimos que algumas respostas demonstraram o quanto os papéis estão pré-definidos e difundem a dicotomia entre o cuidar e o educar, a escrita do sujeito P1 elucida essa reflexão:

*Professor de educação infantil: é aquela que possibilita à criança experiências que ajudam a desenvolver suas capacidades cognitivas e o bem estar em um ambiente plural (P1).*

*Auxiliar de educação infantil: auxilia a professora nas atividades da sala de aula, bem como atividades rotineiras (P1).*

Tal discurso possivelmente é alicerçado pelas definições de cargos estabelecidos nos documentos oficiais e pela configuração de hierarquia presente dentro das instituições de Educação Infantil. No entendimento dos auxiliares de Educação Infantil, a imagem do professor continua sendo a de um profissional inserido no espaço escolar para transmitir conhecimento. Tal compreensão, pressupõe o modelo de uma educação convencional/tradicional com práticas pedagógicas transmissíveis, que ditam comportamentos disciplinarizantes e controladores em uma relação compartilhada entre os pares e as crianças. Observamos os fragmentos das respostas dos sujeitos auxiliares:

*Professor de educação infantil: profissional da área da educação responsável por transmitir conhecimento para crianças de 0 a 5 anos, respeitando valores, crenças e as singularidades de cada criança (A1).*

*Professor de educação infantil: ser que detem conhecimento e o transmite de forma amável e lúdica. Também tem por papel auxiliar na educação das crianças em conjunto com a família (A4).*

As manifestações esboçam um entendimento sobre a imagem do professor como uma figura transmissiva. Para tal entendimento, pressupõe-se que os sujeitos também detenham uma compreensão acerca da imagem de criança, como uma “tábula rasa”, um sujeito que irá apenas memorizar e reproduzir aquilo que lhe é oferecido/apresentado no processo

formativo. Possivelmente, os sujeitos pesquisados repercutem os processos vivenciados por eles em suas formações. Emergem assim, imagens fragmentadas dos profissionais. Evidenciamos que 90% dos participantes têm a imagem de professor como um detentor do conhecimento e responsável por transmiti-lo às crianças. As manifestações dos sujeitos também apontam que as atribuições versam sobre o planejamento, desenvolvimento das atividades, organização do trabalho, intermediar, mediar e desenvolver propostas pedagógicas que visem o desenvolvimento das crianças. Observamos que apenas 10% descrevem o professor como alguém que possibilita às crianças, experiências capazes de auxiliar no desenvolvimento cognitivo e afetivo, percebendo a escola como um “ambiente plural” (P1).

Sobre o entendimento do papel do auxiliar de Educação Infantil, 60% dos respondentes o categoriza como aquele que se atém às ações de cuidado, higiene e auxílio às atividades rotineiras, 30% não percebem diferenças entre os dois cargos, com a ressalva de que cabe ao professor da sala ser o responsável por questões burocráticas como registros, reuniões, planejamento e responsabilidade perante a turma. E apenas 10% indicam que ambos, professor e auxiliar, compartilham responsabilidade de forma efetiva, “ajudando e cooperando para um bom andamento do processo educacional” (P3).

A partir das manifestações dos sujeitos pesquisados, percebemos que uma parcela significativa de professores e auxiliares inseridos na instituição de Educação Infantil compartilha de entendimentos fragmentados acerca das atribuições de cada profissional, fato que ocasiona o desalinhamento de referência compartilhada nos convívios com as crianças, especialmente quando elucidam a dicotomia entre cuidado e educação. Em nosso horizonte compreensivo, entendemos o conceito de cuidar além da sua visão assistencialista ou distanciada do ato de educar, Boff (2008, p. 33) ressalta que tal ato exige uma relação de “ocupação, preocupação, responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”. Já em relação ao cuidado, o autor elucidam como uma característica essencialmente humana e necessária no processo educativo, abrangendo o cuidado material, pessoal, social e cognitivo. Kuhlmann Jr (2005, p. 60) de igual modo, complementa nossas reflexões ao apontar que “a expressão educar-cuidar tem o objetivo de trazer à tona o núcleo do trabalho pedagógico conseqüente com a criança pequena. Educá-la é algo integrado ao cuidá-la”. Tal indissociabilidade é o elemento que compõe a especificidade da Educação Infantil.

## *Referência compartilhada na educação infantil: o desassossego de professores e auxiliares*

Posteriormente, o questionário abordou sobre a relação de entendimento do trabalho compartilhado. Foram realizados dois questionamentos: - “Você considera que o trabalho é realizado de forma coletiva? Se sim, dê exemplos” e - “Você considera que o trabalho coletivo/compartilhado entre auxiliares e professores interfere no cuidado e educação, assim como na formação das crianças? Justifique sua resposta”. Partimos do pressuposto de que a escola se configura como um espaço de construção coletiva, uma vez que os profissionais atuam numa mesma sala de referência. Logo, compreender as expectativas dos sujeitos sobre o trabalho coletivo pode dar indícios de como reconhecem e coordenam a figura de referência junto às crianças. Um dos participantes expressa parte das reflexões que fazemos citando sua experiência profissional:

*Acredito que em alguns momentos seja coletivo, quando conseguimos pensar juntas sobre o planejamento, mas geralmente não é assim, pois não são todas as pessoas, digo professoras e auxiliares que se dispõem a contribuir e a dividir esta função, pois percebo que tem algumas, que não fazem questão de contribuir com o trabalho pedagógico, só esperam a hora de realizar as atividades. Como professora, sempre quando posso, faço questão de compartilhar e pedir sugestões para as demais pessoas que fazem parte do grupo, algumas percebo que não gostam de colaborar, outras já. Mas acredito também que as vezes falta tempo para que possamos dialogar mais sobre isto, sendo assim compreendo que o trabalho não é de forma coletiva, pois ainda tem uma diferenciação entre ambas as partes, algumas fazem questão de seguir apenas o que estava no edital pela qual prestou concurso, onde diz o que cabe a sua profissão, mas outras vão além. Com isto penso que seja preciso um entendimento melhor sobre como deveria ser o trabalho coletivo (P2).*

O cenário de trabalho das instituições de Educação Infantil é composto por rotinas dedicadas ao atendimento das crianças pequenas. Tais rotinas demandam que os horários para alimentação, sono e propostas pedagógicas sejam experienciados de modo harmonioso e interrelacionados. Entre esses espaços-tempos, os momentos de formação continuada e/ou encontros pedagógicos, por vezes, são desproporcionais às especificidades que o segmento da Educação Infantil necessita. As reuniões pedagógicas previstas no calendário do ano letivo vigente das escolas públicas, propõem, normalmente, um encontro por mês para tratar de questões administrativas e pedagógicas. Compreendemos que a falta de tempo, exposta na manifestação do sujeito P2 é fator relevante no desassossego das relações compartilhadas entre professores e auxiliares.

Essa desarmonia é expressa também quando os participantes descrevem sobre a indefinição dos papéis no entendimento de ambos os cargos, as respostas revelam a

separação entre educar e cuidar. Na perspectiva (co)responsabilidade, pode funcionar o discurso de que os dois cargos ocupam o mesmo espaço e, por isso, devem ser exercidos com os mesmos direitos e deveres. Contudo, diante das vozes dos professores e auxiliares, percebemos que também este discurso produz fragmentações e reverbera relações de poder e autoridade diante das crianças pequenas. Os participantes discorrem sobre tais relações, evidenciando: “quando não há um entrosamento entre os profissionais, fica difícil porque cada um quer ter autoridade sobre as crianças e isso acaba interferindo e muito na educação deles” (P1). Observamos também que, essas relações de poder citadas pelos profissionais, parecem ser fortalecidas pela diferença salarial entre os mesmos. Conforme traduz a terceira professora “para as crianças, tanto professor quanto auxiliar, são responsáveis por eles. Quem faz distinção, entre os cargos, infelizmente é o financeiro” (P3).

Ao nos debruçarmos sobre os depoimentos colhidos, percebemos que as visões são ora parecidas, ora completamente distintas. Num quadro geral, a reflexão sobre as narrativas revelou que a percepção sobre o envolvimento e o trabalho compartilhado, nos grupos de profissionais participantes da pesquisa, é diversa, 40% identifica estes processos em atribuições recebidas e participação nos planejamentos e 60% não se reconhece exercendo um trabalho partilhado. Destes, um terço, não compreende, inclusive, o significado do termo compartilhamento no âmbito da relação entre professores e auxiliares, confundindo uma atitude que é sua com as ações coletivas realizadas pelas crianças. Tal visão é explicitada no relato do sujeito A2:

*[...] através da acolhida com muito amor e paciência, pois é preciso nesse trabalho. Após a acolhida é contada histórias, feito chamadas, conversas e atividades pedagógicas que nem sempre saem como o planejado, pois existem imprevistos na educação infantil.*

Percebemos que as discussões e reflexões sobre uma abordagem de referência compartilhada ainda parecem distantes nas práticas pedagógicas vivenciadas com as crianças pequenas. Compreendemos a escola como um espaço coletivo e formativo, contudo, a pesquisa constata que a gestão estrutural da educação tem contribuído para a manutenção de relações de poder há muito estabelecidas e, muitas vezes, o desenvolvimento integral da criança é entendido de forma compartimentada, reforçando a dicotomia entre o cuidar e o educar e afetando a qualidade do trabalho realizado com crianças pequenas. Identifica-se também uma socialização distorcida da imagem do professor, relacionada ao “poder” ou

### *Referência compartilhada na educação infantil: o desassossego de professores e auxiliares*

“controle” da sala e das crianças, o que contribui para sua precarização e dificulta a compreensão da constituição docente na Educação Infantil.

Impregnado no cotidiano escolar, encontra-se um entendimento socializado de que à professora compete unicamente “ensinar” e à auxiliar compete unicamente a rotina de cuidados (levar ao banheiro, trocá-las, alimentá-las). Tais relações entre professores e auxiliares são marcadas por hierarquizações. No entanto, observamos o reconhecimento de ambos em desempenharem suas funções com o foco nas necessidades da criança, assim como identificamos a consciência da importância de um trabalho compartilhado que deve ser realizado com qualidade, o que, por consequência, interfere diretamente na formação das crianças. Segundo Oliveira-Formosinho (2001), o trabalho na Educação Infantil - e nesse momento podemos entender os sujeitos envolvidos no processo educacional (especialmente os professores e auxiliares) - difere de outros ofícios devido à vulnerabilidade e globalidade das crianças nessa fase de desenvolvimento. A vulnerabilidade refere-se à dependência da criança em relação ao adulto nas rotinas de cuidados, o que reflete no trabalho dos auxiliares, não apenas física, mas também emocional e socialmente. A globalidade refere-se à forma holística pela qual a criança aprende e se desenvolve. Em alguns casos, a forma como o sistema educacional é organizado pode gerar uma relação de poder que, em vez de ambos trabalharem juntos em prol do desenvolvimento integral da criança, há uma frequente separação do cuidar e educar e fragmentação das relações estabelecidas com as crianças. Fatores que, quando não são superados, afetam a qualidade do trabalho realizado e tem como consequência a indefinição do papel da professora e da auxiliar de Educação Infantil. Afinal, se as relações se caracterizam e definem-se como fragmentadas, de que modo as crianças conseguem distinguir quem é o adulto referência responsável pelo seu desenvolvimento integral?

Rodriguez (2008) entende que as diferenças entre os sujeitos não são um problema a resolver. Reconhecer as diferenças existentes entre professores e auxiliares não significa um reforço à hierarquização, mas é necessário para conseguirmos valorizar e abranger diferentes conhecimentos, pois o trabalho colaborativo de ambos sustentará além do caráter indissociável entre o cuidado e a educação, as relações de acolhimento e solicitude entre o adulto referência e as crianças. É necessária uma partilha capaz de enxergar o outro, lidar com as diferenças, expor ideias e construir práticas docentes que potencializam os movimentos de reconhecimento de si mesmo e do outro. Esta sensibilidade requer encontrar, de algum

modo, uma tessitura capaz de acomodar respeitosamente o trabalho de dois profissionais com semelhanças e diferenças desassossegadas, conforme aponta a pesquisa, em seu cotidiano de trabalho. Esse caminho perpassa também pelo entendimento do cenário ao qual a Educação Infantil foi sendo constituída historicamente. Elucidamos a compreensão das imagens dos profissionais acerca de professores e auxiliares e do desempenho de suas respectivas funções, a fim de, primeiro, trazermos à luz suas narrativas, oportunizando a superação da (auto)destruição das identidades docentes, bem como a expressão dos percursos de inacabamento e busca por reconhecimento nos espaços de trabalho coletivo. Segundo, entendermos as possíveis implicações que os desassossegos existentes na organização do trabalho coletivo têm no estabelecimento da figura de referência para as crianças. Tal caminho é percorrido por meio da proposição de condições e possibilidades de reorganização dos discursos, convívios, práticas pedagógicas e processos formativos compreensivos e multidimensionais.

### **5. Considerações finais**

Nosso trabalho buscou refletir sobre o desassossego de professores e auxiliares na busca por uma interpretação de convívios com as crianças, com vistas ao conceito de referência compartilhada na Educação Infantil. Entendemos as especificidades dos dois profissionais e suas visões acerca da referência compartilhada na formação das crianças pequenas dentro dos espaços educativos. Almejamos ainda que os estudos sobre o tema sejam ampliados e despertem o interesse de profissionais da área. Reforçamos a relevância social do trabalho docente, identificando a necessidade de formar identidades profissionais e pessoais capazes de compreender o encontro com as crianças como um exercício de referência compartilhada num espaço potente de formação. A pesquisa também procurou evidenciar que as reflexões sobre a referência compartilhada por professores e auxiliares oportuniza o exercício profissional com dimensões mais humanizadas, visto que as relações interpessoais e culturais perpassam as exigências dos cargos. Traçamos caminhos que apontam a reelaboração dos convívios-vivências-referências nos espaços educativos como meio de desmistificar ideias que uma pedagogia tradicional reverberou ao longo dos anos e como forma de possibilitar uma partilha significativa de experiências.

Enfim, nossas reflexões esboçam movimentos em que o afinar ou desafinar da relação pedagógica repercute no desenvolvimento do trabalho cotidiano com as crianças na Educação Infantil. Assim, a pesquisa parte da compreensão de que a (co)responsabilidade do

### *Referência compartilhada na educação infantil: o desassossego de professores e auxiliares*

cuidado e educação das crianças compõem um cenário de desassossego que emerge, muitas vezes, no momento do reconhecimento da figura de referência expressa pela criança. Desse modo, compreender as origens desse desassossego de professores e auxiliares na busca por reinterpretar convívios com as crianças é um tema complexo, pouco explorado como elo de uma teia de relações e interdependências de fatores políticos, sociais, estruturais, educacionais e culturais. Por ser uma relação que facilmente se depara com saberes cristalizados na cultura e reativa crenças enraizadas sobre os papéis de professor e auxiliar, ela exige com frequência uma disposição para o afinamento das relações dos adultos em prol da construção de uma figura de referência que contemple as necessidades das crianças ao mesmo tempo que preserve os vínculos previamente acordados entre professores e auxiliares.

Quando o conhecimento é fragmentado e cada profissional entende seu trabalho como uma tarefa a ser cumprida, a partilha de experiências é sufocada pelas hierarquias já existentes. Quando o fortalecimento do grupo desencadeia insurgências em prol da formação integral das crianças e do bem-estar de todos, sempre é possível reelaborar convívios visando o comprometimento na partilha das experiências. As demandas por formação continuada na Educação Infantil ainda são iminentes, perfazendo mais uma estratégia para que professores e auxiliares possam ampliar e aprofundar seus olhares, a cada dia, para as infâncias que se encontram aos seus cuidados. As demandas evocam também o desejo de oportunizar/mobilizar políticas governamentais que ofereçam formações adequadas e, conseqüentemente, remunerações equiparadas entre os dois profissionais atuantes nos espaços-tempo das instituições. E, desse modo, almejamos o assossego de uma referência compartilhada, composta pela alegria dos encontros que afinam ou desafinam a partilha, como nos lembra Guimarães Rosa (2001), inspirando-nos a evidenciar a solicitude do momento pedagógico que nos aproxima em um mundo comum.

### **Referências**

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

AZEVEDO, Heloísa Helena; SILVA, Lucia Isabel da C. Concepção de Infância e o Significado da Educação infantil. **Espaços da escola**. Unijuí, n.34, ano 9. Out/Dez, p.33-40. 1999

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do Humano- Compaixão pela terra**. 15. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília/DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília/DF. V. I; II, 2006.

DAY, Christopher. **A paixão pelo ensino**. Porto/Portugal: Ed. Porto, 2004.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, p. 139-154, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

KUHLMANN Jr., Moyses. “Educação Infantil e currículo”. In: Faria, A.L.G. e Palhares, M.S. (Orgs.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 5 ed. Campinas, SP, Autores Associados, 2005.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. O Desenvolvimento Profissional das Educadoras: entre os saberes e os afectos, entre a sala e o mundo. In: MACHADO, M.L. A. (Org.). **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **A investigação praxeológica: um caminho para estudar as transições na Pedagogia-em-Participação**. Porto: Porto Editora, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória. A história. O esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RODRIGUEZ, Armando L. **Estilos de aprendizaje y enseñanza: un panorama de La estilística educativa**. México: Universidad Virtual, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

## Notas

---

<sup>i</sup> Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e deram seu consentimento livre e esclarecido para participar. Além disso, foram assegurados o sigilo das informações obtidas e a utilização dos resultados apenas para fins acadêmicos.

<sup>ii</sup> Posteriormente, a Emenda Constitucional nº 59/2009 modificou esse cenário, estabelecendo o acesso obrigatório e gratuito à Educação Básica dos 4 aos 17 anos de idade, o que incluiu a pré-escola para crianças de quatro e cinco anos.

<sup>iii</sup> As atividades remotas foram implementadas como medidas preventivas à pandemia de Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2. A transmissão acontece

de uma pessoa doente para outra ou por contato próximo, foi descoberta na China em dezembro de 2019 e acometeu o mundo inteiro em meados de fevereiro de 2020. As recomendações de distanciamento social modificaram nosso cotidiano e inevitavelmente implicaram em um novo modo de fazer docente.

### **Sobre os autores**

#### **Alessandra Londero Almeida**

Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestre em Educação (UFPEL). Especialista em Psicopedagogia (Faculdade Dom Bosco) e em Educação, área de concentração em Educação Infantil (UFPEL). Pedagoga (UFPEL). Professora de Educação Infantil da rede pública de ensino na Prefeitura Municipal de Pelotas/RS. Integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação e Estudos da Infância (Labforma/CNPq, UFPEL). E-mail: [alessandra.londero111@gmail.com](mailto:alessandra.londero111@gmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6151-3369>.

#### **Maiane Liana Hatschbach Ourique**

Doutora em Educação (UFSM). Professora da Universidade Federal de Pelotas no curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPEL). Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação e Estudos da Infância (Labforma/UFPEL/CNPq). E-mail: [maianeho@yahoo.com.br](mailto:maianeho@yahoo.com.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5042-3648>.

#### **Tamara Insauriaga Bueno**

Professora de Educação Infantil. Mestre em Educação (UFPEL). Foi bolsista CNPq durante o Mestrado, tendo defendido a pesquisa "A experiência estética na formação de professores: a (sub)existência das sensibilidades na construção da docência". É graduada em Pedagogia (UFPEL). Integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Formação e Estudos da Infância (LabForma/CNPq, UFPEL). E-mail: [tamarabueno2012@hotmail.com](mailto:tamarabueno2012@hotmail.com) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3364-5740>

Recebido em: 27/03/2024

Aceito para publicação em: 30/05/2024